Autoria e paratopia na compreensão do discurso da crônica no jornal *O Popular* (Goiânia)

Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

Rogério Pereira Borges
Professor Doutor da Pontificia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) no curso de Jornalismo e no Mestrado em Letras. Pesquisador, coordenador da pesquisa O Aspecto Jornalístico em Crônicas do Jornal O Popular em 2013, registrado no Núcleo de Pesquisa em Comunicação da PUC Goiás.

Samiha Salahdino Sarhan
Graduanda em Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Bolsista do CNPq vinculada à pesquisa O Aspecto Jornalístico em Crônicas do Jornal O Popular em 2013, registrado no Núcleo de Pesquisa em Comunicação da PUC Goiás.

Flaviana Alves Santos
Graduanda em Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Bolsista do CNPq vinculada à pesquisa O Aspecto Jornalístico em Crônicas do Jornal O Popular em 2013, registrado no Núcleo de Pesquisa em Comunicação da PUC Goiás.

Resumo

A autoria e a paratopia são dispositivos importantes na análise discursiva de gêneros narrativos, dando, assim, contribuição relevante na compreensão da crônica, expressão híbrida entre jornalismo e literatura. Esses dois aspectos foram avaliados neste artigo a partir das crônicas publicadas durante o ano de 2013 no jornal *O Popular*, de Goiânia. O estudo integra estudo desenvolvido no Núcleo de Pesquisa em Comunicação da PUC Goiás sobre a crônica em Goiás. Amparada na Análise do Discurso da Escola Francesa (AD), esta reflexão revela que a autoria e paratopia dos 11 cronistas que publicaram no jornal durante o período avaliado são determinantes para compreender tais enunciações.

Crônica; Discurso; Autoria; Paratopia; Jornalismo

Introdução

A crônica é um gênero escorregadio. Sua construção se deu no decorrer do tempo em uma evolução processuais, lidando com a dupla identidade entre literatura e jornalismo. Afrânio Coutinho (1986) pontua que "o significado tradicional da palavra 'crônica' decorre de sua etimologia grega (khronos – tempo): é o relato dos acontecimentos em ordem cronológica" (p. 120). Ele ressalta as mudanças de sentido deste gênero discursivo, pontuando que o "uso da palavra para indicar relato e comentário dos fatos em pequena seção de jornais acabou por estender-se à definição da própria seção e do tipo de literatura que nela se produzia" (p. 121). Por ser um gênero híbrido, que se ancora em discursos muitas vezes vistos sob polos binários verdade/mentira ou realidade/ficção, a crônica exige um olhar que não considere que estatutos discursivos diferentes sejam, a priori, excludentes. Os dispositivos e procedimentos da Análise do Discurso da escola francesa (AD) formam um dos caminhos mais pavimentados nesse sentido, trazendo em sua contribuição teórica diversas reflexões quanto a encontros discursivos. Nas interações de jornalismo e literatura, traços polifônicos e polissêmicos passam a ser essenciais. "Ao investigar discursos tão ricos e cheios de alternativas, faz-se necessário entender que tais construções possuem inúmeras articulações, com variados sistemas e ordens." (Borges In: Porto & Mouillaud, 2012, p. 803).

O presente artigo busca contribuir com este debate. Trazemos uma reflexão de como as crônicas publicadas no mais importante jornal de Goiás – o periódico *O Popular* – expressam ressaltada autoria e como podemos definir as paratopias de tais textos, recorrendo a conceitos da AD (Foucault, 2007a; Gregolin, 2007; Orlandi, 2007; Maingueneau, 1996). Esse debate insere-se em levantamento mais amplo, desenvolvido, com bolsistas de iniciação científica do CNPq no Núcleo de Pesquisa em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (NPC – PUC Goiás), que faz uma análise mais aprofundada sobre as crônicas do supracitado jornal durante todo o ano de 2013. Já a escolha de *O Popular* como corpus da pesquisa deveu-se ao fato de ser o jornal mais influente de Goiás, tendo uma seção específica em seu caderno de cultura, chamada *Crônicas & Outras Histórias*, dedicada à crônica.

Os conceitos da Análise do Discurso

O debate aqui proposto quanto à crônica, como ocorreria com qualquer outro

gênero que passasse por um processo de análise discursiva, deve lançar um olhar sobre algumas instâncias fundamentais para que sua compreensão possa se dar de uma maneira mais ampla. Duas delas, objetos primeiros deste trabalho, são as da autoria e da paratopia. O texto precisa vir de alguma fonte, ter sido enunciado em algum local (paratopia) por alguém ou sujeito (autoria). Não se deve confundir ou associar necessariamente a resposta a estas duas questões com um indivíduo, podendo ela também advir de instituições e mesmo de discursos reconhecíveis e legitimáveis. O jornalismo é um caso emblemático dessa multiplicidade de opções, uma vez que ele, ao longo de sua história, se fez legítimo diante da sociedade construindo um patrimônio simbólico (Bourdieu, 2003) que formata seu discurso como aquele que aborda os fatos, que narra acontecimentos, que media a realidade. Em seu interior, porém, há espaço para um grande leque de outros discursos que se entrecruzam e emergem das mais diferentes maneiras. Uma paratopia multifacetada que gera também séries de autorias que nem sempre podem ser resumidas a um só emissor.

No caso das crônicas, elemento desse conjunto de tantas alternativas, há o elemento literário a constituir sua "arqueologia" discursiva (Foucault, 2007a) e uma profusão de autores a transitar em suas malhas, ora dirigido-se mais para o jornalismo, ora encaminhando-se mais para a criação e a ficção. Quem em primeiro – e talvez último – nível, define os rumos do texto é o autor, calcado na paratopia de que goza e fertilizado com suas próprias vivências (Gadamer, 2008). Daí vem a importância de se considerar a autoria e a paratopia não como conceitos estanques e sim como elementos constituidores de algo maior, a formação discursiva (Foucault, 2007a; 2007b). Esse conceito revela pontos constituidores do discurso, inscrevendo-o em cenas, contextos, arquivos, ideologias, paráfrases e polissemias.

Para Foucault (2007a), o que de fato importa não é encontrar leis imutáveis que estabeleçam como o discurso deve ou não ser e agir, mas sim compreender seus muitos sistemas formadores, seus pontos de dispersão e agregação, suas convergências e afastamentos e, a partir daí, identificar ordens, regularidades e as engrenagens que o fazem se movimentar e se constituir como é. "No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (…)" (Foucault, 2007a, p. 43).

O autor e seu lugar de emissão são fundamentais no estabelecimento do que o discurso trata e porque ele se mostra como é. A análise desses dois conceitos auxilia a assinalar regularidades, o que permite montar uma grade interpretativa que leva em consideração outros procedimentos e dispositivos para que se possa ter em perspectiva a formação discursiva em questão. "A noção de formação discursiva, ainda que polêmica, é básica na Análise de Discurso, pois permite compreender o processo de produção de sentidos, a sua relação com ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso" (Orlandi, 2007, p. 43). Segundo a autora, "o discurso se constitui em seu sentido porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro" e que "é pela referência à formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos" (Orlandi, 2007, p. 43-44).

A crônica é um discurso em que idiossincrasias específicas de seus "contratos de leitura" (Veron, 2005) – a realidade do jornalismo e a ficção da literatura – encontram-se, chocam-se, mesclam-se, preponderam ou se submetem. Dentro do escopo analítico à disposição, a autoria e a paratopia – obviamente não coincidentes entre um texto e outro, entre um autor e outro – compõem essa avaliação mais detida. Situada na fronteira entre o jornalismo e a literatura, a crônica lida com dois poderosos discursos constituintes. "Não é possível, pois, determinar *a priori* as modalidades das relações entre as diversas formações discursivas de um campo. (Maingueneau, 2007, p. 36-37, grifos do autor)." A crônica ilustra tal dificuldade de delimitação e que deve ser levada em conta para que se evitem falsas generalizações, sobretudo quando se fala em autoria.

De acordo com Maingueneau (2010), o conceito de autor faz mais sentido no âmbito da Análise do Discurso quando tratado como um agente "relacional", ou seja, versátil em suas comunicações e conduções discursivas (p. 28). Trazendo à tona o debate desenvolvido por diversos teóricos, entre os quais Foucault, Barthes, Propp e Eco, a Análise do Discurso demonstra como esse conceito é polêmico. Enquanto uns se limitam a falar do autor como "dono do texto" e por ele responsável, outros o encaram como uma função discursiva, que pode ser deliberadamente dissimulada, atenuada ou revigorada (Charaudeau & Maingueneau, 2008, p. 85-86). É nesse momento que a paratopia auxilia na elucidação de possíveis elementos intervenientes em processos de formação discursiva. Essa necessidade é ainda mais dramática quando os discursos são híbridos, o que torna tais definições ainda menos evidentes.

Foucault problematiza o conceito de autoria ao afirmar, entre outras reflexões,

que o autor é um elemento que causa rarefação ao discurso. “O autor, não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (2007b, p. 26). Na opinião de Foucault, a função do autor é um tanto limitadora e coercitiva, assim como o papel exercido pelas “disciplinas”, e que não se deve restringi-lo a apenas um indivíduo, ainda que sua existência seja aceita e reconhecida. O que parece ser contraditório é, na verdade, complementar. O conceito de paratopia – de onde se emite o discurso – referenda tal encontro, pois sujeito e função se confundem, indivíduo e ideologia se completam e não se anulam. A formação discursiva integra esse papel do autor, que pode ser analisado de forma individual, mas que deve ser interpretado em um âmbito mais amplo. “O autor é então considerado como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como fulcro de sua coerência” (Orlandi, 2007, p. 75). Para Orlandi, o autor “é uma função do sujeito” (op. cit. p. 74). Integração que faz o conceito de autoria relacionar-se ao de autoridade, estabelecendo aí laços mais estreitos com a paratopia. “De forma mais ampla, a análise do discurso considera as condições em que um discurso é autorizado, quer dizer, em que contexto ele é tido por legítimo e, portanto, eficaz: o status dos parceiros, a natureza do quadro espaço-temporal desempenham aqui um papel essencial” (Maingueneau, 2000, p. 18).

No que concerne à formação discursiva de uma crônica, autoria se comunica com paratopia, que se comunicam com uma série de outros elementos, tais como a cena em que o texto emerge, a ideologia que propaga e as paráfrases e polissemias que exercitam. Quando se passa para o debate da autoria, o conceito de vivência também deve ser considerado, já que a experiência de mundo molda visões que se expressam, paratomicamente, no discurso. O vivenciado se transforma em texto, em memória revelada ou interdita, em opiniões que emergem no discurso autoral, que nunca é igual ao outro, que não permite uma classificação rígida, mas sim a identificação de regularidades oriundas de espaços sociais, trajetórias pessoais e formações discursivas específicas. “O que se pode chamar de vivência constitui-se na recordação. Com isso, temos em mente o conteúdo semântico de uma experiência” (Gadamer, 2008, p. 111).

As crônicas de *O Popular* só poderão, assim, ser compreendidas se a autoria dos textos estiver clara, não apenas quanto ao nome assinado, mas também de onde falam paratopicamente, que vivências acionam e como se pode inferir acerca de suas ideias, suas experiências e por quais caminhos suas crônicas se fazem como são. “A paratopia

tem uma importância especial para a análise do discurso por informar o que se pode definir como identidade do que está sendo enunciado. Identidade que se refere ao lugar de onde parte o discurso, quem é seu enunciador, quem seria seu enunciatário. Ela explicita aquele que fala – indivíduo ou instituição –, em que momento ou circunstância esta fala é revelada e a quem é dirigida" (Borges, 2013, p. 101-102). Como pondera Gregolin, "toda essa discussão é muito produtiva para pensarmos as relações entre o sujeito e o discurso, pois o que torna uma frase em um enunciado é o fato de podermos assinalar-lhe uma *posição do sujeito*" (2007, p. 99, grifo da autora).

Paratopia e autoria em crônicas de *O Popular* em 2013

Em 2013, a coluna *Crônicas & Outras Histórias*, do jornal *O Popular*, de Goiânia, contou com 11 autores fixos, que se revezaram em ocupar este espaço diário, totalizando, em conjunto, 365 publicações. A presente pesquisa catalogou todos esses textos e relaciona seus respectivos autores, debatendo o papel da autoria e da paratopia na construção e condução desses discursos. Esta é uma das análises realizadas no projeto de pesquisa desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (NPC-PUC Goiás).

Bariani Ortencio é um dos nomes mais destacados da cultura goiana. Autor de dezenas de livros, seu trabalho volta-se para a valorização de aspectos folclóricos e populares, com ênfase nas tradições e festas, na culinária e na linguagem típicas, na observação e catalogação de expressões regionais. Toda essa bagagem reflete-se em sua ficção, cuja temática é, na maioria das vezes, ligada a regionalismos e sabedoria popular. O autor traz à baila temas regionais elevando para si um caráter de autoridade nos assuntos abordados, utilizando, dessa forma, suas crônicas para reforçar essa paratopia que construiu. Com linguagem sucinta, rebuscada e tom pessoal e autoritário, Bariani Ortencio faz resenhas sobre obras, exposições, saraus e outros eventos. De suas 44 crônicas publicadas em 2013 em *O Popular*, tais temáticas são contempladas em 13 delas (30% do total), sendo, ao lado de suas rememorações (outras 13 crônicas, igualmente 30% do total), os tópicos que mais figuram em seus textos.

Testemunha e partícipe de muitos fatos relevantes de Goiás nas últimas décadas, tendo gozado amizade com várias figuras de proeminência nos campos político, econômico e cultural, Bariani expressa novamente sua paratopia – aliada a uma longa e rica vivência – para demonstrar "autoridade" no que está compartilhando com o público leitor. Isso lhe permite, por exemplo, escrever um texto como *Privilégio de Ressuscitar*

(08/11/2013), em que imagina um passeio do ex-governador Pedro Ludovico Teixeira, fundador de Goiânia, pela cidade que idealizou em seus 80 anos de criação, dando destaque a personalidades importantes da história goiana. Isso também fica claro em outro texto, *Campinas ou Bonfim?*, de 16/10/2013, em que recupera o antigo debate sobre onde deveria ter sido erguida a nova capital. O folclore, outra área de expressiva atuação de Bariani Ortencio, é objeto de 5 crônicas do autor ao longo de 2013, sendo um dos poucos a abordar o tema entre aqueles que ocuparam o espaço *Crônicas & Outras Histórias* de *O Popular*. Esta é outra demonstração clara de como a vivência influi de maneira inconteste, aliada à autoria e à paratopia do escritor, no que é publicado. Um texto que ilustra essa particularidade é o de 14/01/2013, intitulado *Folias já são temas para mestrado*, em que sua autoridade no assunto é reafirmada.

> No folclore as crenças e superstições se ascendem e ascende pelos tempos a fora. Tudo pela aceitação do povo, que o povo é formado pelas camadas menos favorecidas da sociedade, tanto econômica quanto social e cultural. No entanto o povo é sábio, tudo que diz tem sabedoria – sabedoria popular – folclore. (…) Ultimamente concedi várias entrevistas a professores universitários para os seus mestrados sobre as folias.

Bariani Ortencio também retrata suas experiências do passado, citando festas folclóricas das quais tomou parte, como as tradicionais Cavalhadas de Pirenópolis, episódio narrado na crônica *Os Mascarados das Cavalhadas*, de 04/05/2013. É uma forma de reafirmar sua participação em tais eventos e, assim, legitimar mais uma vez seu direito de tratar do assunto, uma vez que o vivenciou. Sua paratopia, dessa maneira, é reforçada, assim como o poder simbólico da autoria que emana de seu nome.

> Numa das cavalhadas dos anos 60 entrevistei vários "mascarados", quase todos jovens filhos de famílias tradicionais, a maioria estudando e trabalhando em Goiânia, muitos deles como bancários. Eram jovens alegres que usavam as máscaras para fazer "certas brincadeiras" e não serem reconhecidos.

Brasigóis Felício é um intelectual, jornalista e escritor. Autor de vários livros, trabalhou na imprensa – incluindo o mesmo jornal *O Popular*. Tendo laços com o meio acadêmico e uma família – esposa, irmãos, filhos – ligados aos mesmos ambientes, transita entre grupos com tal perfil, ocupando, entre outras posições de destaque, a cadeira 25 da Academia Goiana de Letras. Sua experiência como jornalista expressa-se no tom de "artigo de opinião" que empresta às crônicas, fazendo comentários específicos sobre acontecimentos atuais e a situação do País em diferentes áreas. No decorrer de 2013, Brasigóis escreveu 45 crônicas em *O Popular*, produção em que deixa transparecer sua postura crítica e combativa, fazendo denúncias e queixas acerca de

mazelas e direcionando sua artilharia contra determinados grupos políticos. Para isso, recorre à ironia, à alegoria e a metáforas para enunciar tais visões. Revela, dessa forma, sua capacidade de abstração e trabalho com a linguagem, própria do escritor de ficção.

No conjunto de seus textos, o que podemos chamar de reflexões (que unem a veia de poeta com sua visão mais crítica do mundo) perfazem 20 crônicas, ou cerca de 45% do total. Em seguida vêm seus comentários sobre questões sociais e política, com 18 crônicas, ou 40% do total das publicadas. A autoria de Brasigóis Felício está, assim, fortemente entrelaçada com suas vivências e isso se expressa em estratégias discursivas que emprega para reforçar essa dimensão. Ele utiliza uma linguagem mais rebuscada, o que lhe empresta ares de autoridade e conhecimento, e se fia na ironia para pontuar suas opiniões nas crônicas, mesmo que o tom seja mais reflexivo. Características que se esperam de alguém visto como bem informado (jornalista) e culto (escritor).

Por ser jornalista pode-se perceber o autor trabalhando com temas ligados ao noticiário. Exemplificando essa conexão, Brasigóis trata, com tom irônico e crítico, dos subterfúgios políticos e de promessas não cumpridas na crônica de 20/05/2013, *Brasil: embromações e cia*.

> Um caso raríssimo de sinceridade comercial, nestes tempos de muita propaganda enganosa e festivais de mentiras de políticos profissionais: em uma manhã de sábado, perimetrando como flaneur saudosista pelas ruas de Campinas, vi em uma placa o anúncio de uma firma: 'Brasil Embromações & Cia – desentupimentos em geral'. (...) O Brasil não seria o paraíso infernal em que se transformou, caso os políticos e os governantes fossem capazes de um rasgo de sinceridade tão explícito quanto o dessa firma comercial.

Edival Lourenço é um dos mais assíduos ocupantes do espaço *Crônicas & Outras Histórias* do jornal *O Popular*, tendo publicado 47 textos na coluna em 2013. Homem com fortes ligações com o meio cultural goiano, Edival é professor, historiador, autor de ficção, poeta e atualmente preside a seção goiana da União Brasileira de Escritores (UBE). Edival, como muitos outros de seus colegas cronistas, também teve experiências no jornalismo, trabalhando como redator e revisor, o que criou familiaridade com esse discurso específico. Esse intercâmbio pode ser vislumbrado em seus textos, muitos deles voltados para questões cotidianas e atuais, demonstrando um olhar aguçado e observador para o contexto social que o cerca sem, contudo, perder o senso estético do autor de ficção.

Isso fica claro quando ele une as duas vertentes em um conjunto de textos que podemos classificar de reflexivos e que somam 24 crônicas em 2013, mais de 50% do total. Seu olhar mais crítico se expressa nas 15 crônicas (cerca de 30% do total) em que

toma os temas sociais como assunto. Já os textos de caráter mais ficcional somam 8 (ou quase 20% do total), sendo a terceira vertente preferida do autor. A distribuição de suas crônicas por temática denota o quanto ele se aplica nas duas áreas em que é mais reconhecido, mostrando, mais uma vez, que as paratopias construídas por sua trajetória pessoal são predominantes na constituição de sua autoria como cronista. Em várias ocasiões, Edival lança mão de sua capacidade criativa para compor crônicas que mesclam realidade e ficção, campos em que transita por ser escritor e historiador e que forma o discurso da própria crônica, como em *O dilema do moço bonito*, de 29/03/2013.

> Nasceu de uma família que tradicionalmente valorizou a beleza corporal. O avô, de descendência italiana, um do homens mais bonitos de seu tempo, foi modelo amador em uma época em que posar de bonito não dava profissão nem camisa a ninguém. (...) Mas tanto insistiu que finalmente ela o levou a Mundocaia. Viu que a futura sogra e as tias da moça eram belíssimas, parecidas com a noiva. Mas, apenas nas fotos antigas penduradas na parede. Agora eram tão gordas, mas tão gordas, que o braço de qualquer uma delas era mais grosso que a cintura de Laurinda Flor. E uma dúvida cruel ocupou de assalto em seu coração o espaço que era da vontade doida de se casar.

Flávio Paranhos pode ser considerado um "estranho no ninho" no grupo de cronistas do jornal *O Popular*. Mesmo sendo escritor de alguns títulos de ficção (contos e teatro), Flávio dedica-se a outras atividades e tem interesses diferentes da maioria do conjunto de autores que compartilha com ele o espaço de *Crônicas & Outras Histórias*. Médico oftalmologista, ele não contempla o discurso jornalístico em seus textos. Mesmo atuando na área médica, mantém fortes laços com as Humanidades, uma vez que um de seus maiores interesses é a Filosofia, em que tem mestrado. Nas 25 crônicas que publicou ao longo de 2013, Paranhos emite sinais de que suas vivências pessoais, os prismas pelos quais apreende o mundo e a realidade à sua volta e sua ampla bagagem cultural interferem nos textos. Isso fica patente pela opção que, não raro, faz por uma linguagem mais técnica, quase que para iniciados. Essa tática, se por um lado seleciona o grupo de leitores que vai compreender totalmente o que escreve, também o inscreve em uma posição de influência, alicerçada pela percepção de um leque de conhecimentos e conceitos que não são disseminados entre o grande público.

Em suas crônicas, ele aborda oito vezes temas filosóficos (mais de 30% do total). Em seis oportunidades, Paranhos discorre sobre medicina (cerca de 25% do total) e em outras cinco se debruça sobre tópicos culturais (20% do total), com especial ênfase aos seus gostos estéticos próprios, como está expresso na crônica *Extraordinário*, de 12/10/2013, em que louva a genialidade do compositor clássico Beethoven. Em outro

texto, de 15/09/2013, Paranhos trata da obra do filósofo Daniel Dennett na crônica *Competência sem compreensão*, introduzindo à imensa maioria dos leitores do jornal um autor não tão conhecido. Já nos textos *Tempo Cura*, de 23/11/2013, e *Cegueira*, de 29/11/2013, o médico escritor expressa seu conhecimento sobre medicina, mas aliando-o a outra natureza de pensamentos, promovendo a junção entre suas competências, consolidando uma série de paratopias e legitimando sua autoria eclética. Um exemplo é a crônica *Eu vejo o que você vê. Ou não?,* de 22/06/2013, que ilustra o conhecimento do autor, com menções a males oftalmológicos e a uma publicação de elite na área:

> Num interessante trabalho publicado no British Journal of Ophthalmology há alguns anos, Brown e colaboradores investigaram o estrago que uma doença ocular potencialmente incapacitante (Degeneração Macular Relacionada à Idade – DMRI) causa na qualidade de vida de seus portadores. (...) De toda forma, foi uma experiência bastante impactante. Que recomendo pra população em geral, e particularmente a médicos oftalmologistas.

Gabriel Nascente também é uma personalidade conhecida na cultura goiana. Autor profícuo, já publicou mais de 50 livros, sendo a maioria de poesia. Mesmo quando escreve em prosa, o escritor, que também é jornalista há décadas, expressa-se por meio de figuras de linguagem, aliterações, prosopopeias e outros recursos. Nascente não esconde a pretensão de integrar a Academia Brasileira de Letras (ABL), usando muitas vezes seu espaço no jornal para fazer tal "campanha" em prol dessa causa. Outra de suas preferências é elogiar e homenagear amigos dos círculos literários e jornalísticos, realizando um trabalho de relações-públicas, como revela a crônica *Zander na Academia*, de 23/04/2013:

> Ivo Pitanguy, médico e cirurgião plástico, nunca de arvorou pelo terreno da ficção; no entanto, é o ocupante da cadeira 22 da Academia Brasileira de Letras. (...) E por que, em Goiás, um exímio historiador de marketing e propaganda da estirpe de um Zander Campos – autor do volumoso *Dicionário de Marketing e Propaganda,* em sua 3ª edição – não poderá juntar-se a nós, acadêmicos?

Menções a personalidades da área cultural – sobretudo a literária – ocupam 14 de suas 45 crônicas, o que corresponde a quase 1/3 do total dos textos. Somam-se a isso outras 8 (quase 20% do total) de resenhas, deixando evidente a política de "boa vizinhança" que o escritor empreende com os pares e colegas no espaço de que dispõe. Como autor, ele também investe em temas reflexivos – 9 textos ou 20% do total – e em assuntos ligados à sociedade como um todo – 7 textos ou pouco mais de 15% do total. Gabriel Nascente, assim, posta-se com uma paratopia de quem é e de quem deseja ser. O autor dos textos tem esse caráter aspiracional, algo que só é possível por anteriormente

ter conquistado algum nível de "autoridade" para ser candidato a tais anseios. Às vezes num tom de quase injustiçamento, ele ressalta essa autoimagem em suas crônicas.

José Mendonça Teles era um dos autores que mais publicavam na coluna *Crônicas & Outras Estórias* do jornal *O Popular* até meados de 2013, quando teve um sério problema de saúde que o incapacitou a continuar exercendo a função. Com isso, foram publicadas de sua autoria naquele ano 22 crônicas, quase todas no primeiro semestre. Ele é um dos autores mais notórios do grupo de cronistas do jornal. Ex-professor da Universidade Federal de Goiás e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, José Mendonça Teles é reconhecido nacionalmente por seus trabalhos de historiador. Autor de obras de ficção e de crítica, ele demonstra em seus textos preocupações sociais – priorizando abordagens históricas – e a menção a pessoas importantes que conheceu, valorizando suas experiências de vida, os momentos marcantes que presenciou, sua interpretação dos fatos do passado. É também um nome de influência no meio intelectual do Estado. Seu olhar é marcadamente voltado para as memórias, que totalizam 10 textos, ou 45% do total das crônicas. Já as reflexões somam 8 (ou quase 40% do total). Nessa produção, a paratopia do autor fica assinalada como a de quem tem autoridade para falar do passado a partir de vivências.

Características que levam o cronista a enveredar por outros campos, pertencentes à memória ou ao seu patrimônio simbólico pessoal. José Mendonça Teles dedica um de seus textos, de 09/07/2013, a Padre Pelágio, sacerdote alemão que viveu em Goiás por 49 anos. "Pessoas das mais representativas de Goiânia buscavam a cura, a bênção do notável ancião, que invocava Santa Terezinha como intercessora de seus inúmeros milagres". Ele aborda temas reflexivos, como na crônica de 08/05/2013, *A casa,* em que estabelece analogia entre um imóvel e a vida. "Minhas casa é minha vida, meus sentidos. Com ela viajo no caleidoscópio da metáfora", escreve. A paratopia de alguém experiente e a manifestação disso na autoria ficam claras no tom de aconselhamento aos mais jovens que adota no texto de 09/06/2013, chamado *Pedra que muito rola...*

> Quer ser alguém na vida? Tem de ralar, isto é, trabalhar com um alucinado, acreditar em você mesmo, em seu vigor físico e mental e ter sempre em mente que ninguém lhe dará uma demãozinha, que você não vai ganhar na loteria nem casar-se com pessoa rica. Você é você e mais você. Então vá à luta, confie em suas mãos e no destino, pois Deus ajuda quem cedo madruga.

Luis Araújo Pereira é o cronista menos assíduo no espaço de que dispõe no jornal *O Popular.* Em todo o ano de 2013, ele publicou apenas 15 textos. Sua produção se diferencia daquela realizada pelos demais cronistas em razão de uma clara aposta na

ficção. Muitos de seus trabalhos são minicontos, em que transparece um clima noir ou de existencialismo, em narrativas brevíssimas em que o leitor fica se perguntando a origem e o destino dos personagens, além das razões da situação em que a ação transcorre. Seu estilo tende a ser mais abstrato, com uma linguagem marcadamente literária e que denota um trabalho detido de construção. Ainda que às vezes Araújo também aborde temas concretos e do cotidiano, sua preferência volta-se, sem dúvidas, para uma produção ficcional específica, peculiaridade essa que tem relação com sua formação. Ex-professor de Letras da Universidade Federal de Goiás e autor de volumes de poesia, fez seu mestrado na área na França, onde morou por alguns anos. De lá trouxe a influência dos escritores e ensaístas e referendou sua paixão pela leitura.

Isso explica a opção do autor pelo gênero ficcional. Ao todo, produz 7 crônicas com esse perfil, ou quase 50% do total. As reflexões e as memórias somam outros 5 textos, o que equivalem a 33% do total das publicações. Isso permite que Araújo se atenha a temas mais abstratos e a uma linguagem mais literária, reforçando sua autoria de crônicas nesse estilo e reforçando uma paratopia muito específica e que cultiva. Um exemplo é a crônica de 10/03/2013, chamada *O Rei,* em que "um mundo antigo, de repente, recomeçou a tingir flores pálidas". A crônica de 26/04/2013, intitulada *Olhos de Âmbar*, também retrata uma história de amor ficcional.

> Se ele se lembra bem era um fim de tarde. É assim que nas narrativas do tipo noir começa às vezes uma história para o êxito ou para o fracasso da arte de narrar, seja na literatura, seja no cinema. (...) Pouco antes desse ato extremo, a mulher tentou dizer algo que ele procura lembrar-se todos os dias, inutilmente. Era um fim de tarde; disso, porém, ele tinha certeza, uma das poucas que lhe restara, como uma sombra que passa levemente dentro de sua cabeça.

Luiz Spada é um jornalista experiente, com mais de 35 anos de atuação nas redações de jornais diários em Goiânia – *Diário da Manhã* e *O Popular* –, ocupando diversas funções e cargos, como repórter e editor. No objeto de nosso estudo, ele publicou 23 textos nas páginas de *O Popular* e estabeleceu um estilo próprio, mais próximo ao caráter clássico da crônica em jornais moldado ao longo do século XX. Ele é um observador da urbanidade, das ruas, das pessoas, de seus comportamentos e das cenas cotidianas que pululam o tempo todo e pelas quais o jornalista tem tradicional interesse. Para isso, Spada não se constrange em ele mesmo ser um dos personagens das narrativas, envolvendo-se em confusões, situações engraçadas e inusitadas ou queixando-se por alguma circunstância que o tenha afetado ou a mais pessoas. Ele exerce, com isso, uma espécie de "Jornalismo Gonzo" em sua crônicas, o que pode ser

definido como a participação intensa do repórter na ação retratada. Uma das séries de crônicas que escreveu é a que descreve como é andar de ônibus.

Nesse conjunto de textos, ele compartilha com os leitores as conversas que ouve dentro dos coletivos, as cenas que testemunha e as dificuldades a que os passageiros são submetidos, ressaltando o caráter jornalístico, de reportagem de diversas de suas produções. São 15 textos sobre o cotidiano e temas ligados à sociedade (cerca de 65% do total), mostrando não só a preferências do autor por tais assuntos, como também a influência de sua vivência rotineira na construção do discurso cronístico que produz. Spada inscreve-se, assim, em uma paratopia eminentemente jornalística, reforçando sua autoria nos textos, com uma linguagem mais coloquial e objetiva. Também calcando-se em um tom humorístico, as crônicas lançam um olhar escrutinador, mas também muitas vezes solidário sobre os menos favorecidos, outra característica tradicional do jornalista. Um exemplo é o texto publicado em 16/06/2013, chamado *Três Marias:*

> Dias desses estavam as três Marias seguindo rumo ao trabalho – estavam no 008, pois, coincidência ou não, todas trabalhavam nas proximidades da Av. 85. (...) Falavam do comportamento dos homens - dos seus, propriamente ditos -, do que eles faziam e, mais do que isso, do que deixavam de fazer.

Maria José Silveira é jornalista e editora, tendo sido a fundadora e diretora, nos anos 1970, da editora Marco Zero, notória por publicar obras de Ciências Sociais de autores mais identificados com a esquerda. Maria José é de uma família cujos membros optaram ou pela vida partidária ou por áreas culturais. Formada em Comunicação Social e Antropologia e com mestrado em Ciências Políticas, ela estreou em 2002 como escritora. As abordagens que deu às 25 crônicas que publicou no ano de 2013 no jornal *O Popular* trazem essa visão humanista, dando aos textos visões amplas e construindo pontes teóricas que explicam causas e consequências do que está tratando. Seu espectro mostra-se, assim, mais aberto, típico de quem tem uma formação politica e social sólida, com conhecimentos de maior profundidade em campos ligados às Ciências Humanas.

Sua formação e vivência na área da Comunicação evidenciam-se na quantidade de trabalhos em que trata de temas sociais e políticos. Eles somam 10 crônicas (40% do total), seguidos por reflexões (8 no total, pouco mais de 30% do total), em que mescla questões atuais e seu lado ficcionista. A junção entre memória, história e jornalismo é patente, estabelecendo uma paratopia mista também com a literatura, contornos de uma autoria que transita entre diferentes áreas. Suas abordagens diferenciam-se por largo escopo cultural e olhar mais sensível, estabelecendo um estilo, firmando uma autoria e corroborando a paratopia em que está situada. Publicado em 06/05/2013, o texto *Um*

Centenário valoriza memória e vivência, aliando os dois componentes à história quando a autora aborda o centenário de seu pai, proeminente político goiano, mas com o olhar doce e fraterno de filha. Já na crônica *Jussara*, de 17/03/2013, conta um episódio de desigualdade social, revelando a versatilidade que empresta ao gênero.

> A patroa era ótima, a família da patroa era ótima, todos atentos ao trato gentil com a menina, mas como escapar? Como escapar da subalternidade da posição de filha de uma empregada doméstica? Por melhores e mais justos que fossem os patrões, o duro muro que separa as classes estava ali, invisível, sujeitando sua mãe a servir a mãe de outras crianças.

Maria Lúcia Félix Bufáiçal é a que mais publicou em 2013 na seção *Crônicas & Outras Estórias*, totalizando 50 textos no período. Com mestrado em História, Maria Lúcia Félix lecionou na Universidade Federal de Goiás e tem obras de poesia, contos e crônicas. Filha do escritor Domingos Felix de Sousa, ela sempre manteve um intenso contato com os meios acadêmicos e intelectuais. A autora tem uma visão de mundo ampla e traz temas e olhares diversificados. Sua escrita é trabalhada, mas nem por isso menos acessível, conseguindo transmitir leituras e interpretações de maior profundidade de forma simples, despertando curiosidade e interesse no leitor. O tom é reflexivo, fugindo da superficialidade, estabelecendo interpretações e construindo um alicerce de pensamento sólido. Seu texto é argumentativo e tem narratividade.

Com prosa refinada e acessível, Maria Félix consegue ficar mais próxima ao público por meio de seus temas preferidos, com destaque para os que tratam da sociedade, da política e do cotidiano, que somam 24 crônicas (quase 48% do total). Seus textos estabelecem para a autora uma paratopia diversificada, alicerçada nas bases da cultura, da reflexão e da familiaridade com o mundo das letras e das artes. Isso fica exposto nos 18 textos (39% do total) dedicados a divagações acerca de vários temas. Um exemplo é a crônica *As boas companhias*, de 02/09/2013, em que a autora disserta sobre a força das raízes ideológicas e culturais. “A verdade é que aquilo que nos marca muito fundo tem força eterna”, escreve. Sua autoria é muito íntima e pessoal, retransformando tudo a partir de vivências. Experiências que resgatam seu passado no jornalismo, como na crônica *A informação*, de 21/02/2013.

> Por mais que a imprensa corra junto, vá atrás, há coisa demais acontecendo que não sabemos. Principalmente entre políticos com suas negociatas, acordos na madrugada, toma lá dá cá e “me cobre aqui que eu te cubro ali”. Por mais que tenhamos fontes, que leiamos as matérias, que tentemos acompanhar, a gente está sempre correndo por fora, não tem jeito. Porque tenho certeza que muita coisa que os jornalistas sabem, eles nem sempre podem nos contar. Com essa história de processar jornalistas, então!

Por fim, **Ursulino Leão** publicou 24 textos na coluna *Crônicas & Outras Histórias* do jornal *O Popular* em 2013. Entre os cronistas fixos do espaço, Ursulino é o único que teve destacada carreira política. Advogado, ele foi eleito deputado estadual em Goiás em duas legislaturas, no final dos anos 1960 e início dos anos 1970. Além disso, foi vice-governador do Estado no mandato de Leonino Caiado nos anos 1970 e chegou a ocupar o cargo interinamente. Sua filiação ideológica situa-se no campo da direita, o que fica claro nas opiniões políticas que expressa. Surpreendentemente, porém, esta temática não é majoritária em sua produção cronística. Temas ligados a questões sociais e políticas somam 6 crônicas, ou 25% do total. O mesmo número é observado quanto à temática da religião. A outra metade de suas crônicas é dedicada a uma série de reflexões (12 textos) em que a avançada idade (90 anos) e a vivência em diversas áreas lhe dão a autoridade para discorrer acerca de lembranças.

Isso, porém, não foge à paratopia que o cronista construiu para si, uma vez que Ursulino Leão também é um escritor de ficção, com romances e volumes de contos. Sua atuação nessa área lhe fornece instrumentos para transitar por esse campo mais abstrato. Em seu processo de criação autoral, o mundo tangível e o ficcional dividem espaço, complementam-se. Esse ritmo pode ser visto na crônica *Espera*, de 25/04/2013.

> Exatamente na direção em que assentara os olhos avistou tênue claridade (passos cautelosos de um animal), que cresceu rapidamente. Como a chama de uma fogueira que o vento sopra... Mais alguns momentos eis à sua frete a Lua Cheia recém-nascida, que ele viera esperar. Completa, imensa, belíssima!

Considerações Finais

O que se pode depreender da breve análise das crônicas publicadas no jornal *O Popular*, de Goiânia, no ano de 2013 é que os textos trazem consigo características marcadamente ligadas às vivências dos autores e às paratopias que cada um deles ocupa ou que rogam para si. A Análise do Discurso (AD), neste sentido, revela-se ferramental prático e teórico adequado para a melhor compreensão de tais textos, auxiliando sobremaneira na interpretação das crônicas, na avaliação de sua construção e nos contornos que adotam. Conceitos como o de formação discursiva colocam-se como essenciais nesse processo interpretativo, aliado aos de autoria e paratopia que não são dados de maneira automática, mas que vão sendo erigidos em terrenos discursivos próprios de cada autor das crônicas. O gênero, por ser poroso a diversos sentidos, por aceitar a polifonia em seu interior, abriga tanto o médico quanto o folclorista, tanto o

político quanto o poeta, tanto o jornalista quanto o escritor de ficção. O sujeito da fala – ou da escrita – é, dessa forma, amplamente relacionado à trajetória de vida dos cronistas, às suas visões de mundo, aos ambientes em que transitam e às formações que cada qual recebeu ou consolidou em sua trajetória pregressa. O gênero ideal para que isso se enuncie é a crônica, que aceita a diversidade, lida com as contradições discursivas e promove o diálogo entre paratopias tão distintas.

Referências

BORGES, Rogério. **Jornalismo literário***:* teoria e análise. Insular: Florianópolis, 2013.

BORGES, Rogério. Crônica como interdiscurso: formação de um gênero híbrido. In: PORTO, Sérgio Dayrell & MOUILLAUD, Maurice (org.) **O jornal:** da forma ao sentido. UnB: Brasília, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Perspectiva: São Paulo, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Contexto: São Paulo, 2008.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil (vol. 6)**. José Olympio: Rio de Janeiro, 1986.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2007a.

_____. **A ordem do discurso**. Loyola: São Paulo, 2007b.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Vozes: Petrópolis, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**: diálogos e duelos. Claraluz: São Carlos, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. Parábola: São Paulo, 2010.

_____. **Gênese dos Discursos**. Criar: Curitiba, 2007.

_____. **Pragmática para o discurso literário**. Martins Fontes: São Paulo, 1996.

_____. **Termos-chave da análise do discurso.** UFMG: Belo Horizonte, 2000.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. Pontes: Campinas, 2007.

VERON, Eliseo. Fragmentos de um tecido. Unisinos: São Leopoldo, 2005.